

Pesquisa-Ação e Iluminação Cênica

Ronaldo Costa

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN.

O avanço de qualquer segmento profissional necessita de constantes proposições e incentivos para pesquisas, sejam elas destinadas para elaboração de novas técnicas, tecnologias e metodologias para o trabalho, sejam para o desenvolvimento de práticas educativas que venham qualificar a formação e/ou especialização dos profissionais envolvidos na área.

Entendemos a pesquisa como a busca sistematizada para a solução de um problema. Zamboni (2006) se refere à pesquisa como uma atividade que requer um método que implica premeditação para se chegar a um resultado desejado. Contudo, também reconhecemos que seus desdobramentos podem ir além da solução de um problema de estudo, ocasionando profundos reflexos em diversas outras áreas e alcançando resultados inimaginados pelo pesquisador. Para Zamboni (2006) pesquisa:

[...] é a busca sistemática de soluções, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área de conhecimento humano [...] No entanto, como em qualquer atividade humana, pesquisa enquanto processo não é somente fruto do racional; o que é racional é a consciência do desejo, à vontade e predisposição para tal, não o processo da pesquisa em si, que intercala o racional e o intuitivo na busca comum de solucionar algo (p. 51 e 52).

Ainda para Zamboni (2006):

Toda pesquisa necessita de um método para se chegar a seus objetivos. Método é o caminho pelo qual estes são alcançados. Poderá haver vários caminhos diferentes, mas existirá sempre um mais adequado para seu trabalho [...] O método está ligado a uma forma de ordem, implicando organizar, traçar uma seqüência a ser seguida, ordenar elementos para evitar erros [...] (p. 52 e 53).

Quando nos referimos à pesquisa em arte nos deparamos com dificuldades em colocar questões artísticas subjetivas em parâmetros objetivos e passíveis de análise, classificação, ordenação e conceituação. Entretanto, a natureza das investigações em arte, que lidam, concomitantemente, com as dimensões inteligível e sensível em seu processo, traz aos pesquisadores desafios que dificultam a escolha de uma metodologia, restando, por

vezes, forjar o próprio método, os próprios caminhos para se alcançar soluções ou resultados almejados. Isaacsson (2006) menciona que:

Na medida em que o pesquisador torna-se testemunha sensível das ações e imagens que se constroem e se desfazem diante dele, vivencia momentos ímpares, penetrando efetivamente na dinâmica da ação criativa [...] Assim a exatidão da compreensão do objeto – movimento criador impõe, contrariamente à experiência científica, a necessidade de contato sensível do investigador com o fenômeno em estudo, um contato que desperte sua intuição e imaginação. Impõe o surgimento de um pesquisador criativo (p. 85).

Nas artes cênicas, mais especificamente, podemos destacar a existência de algumas características que dificultam ainda mais o desenvolvimento das investigações, quando principalmente nosso objeto de estudo se refere ao processo criativo e/ou a obra de arte em si, ou seja: “o caráter processual de grande parte dos projetos de pesquisa, e a efemeridade do espetáculo cênico. Como consequência, surge a necessidade de encontrar pontos ou aspectos fixos para sustentar as possibilidades de leitura” (CARREIRA & CABRAL, 2006, p. 09).

Dessa forma, os pesquisadores em artes cênicas que trabalham com a experimentação prática do espetáculo devem estar preparados para as flutuações inerentes aos processos de construção cênica, que podem redirecionar os rumos da pesquisa científica, instaurando, por vezes, um processo de indeferimento ou recusa daquilo que se apresenta, e que os forcem a descobrir novos caminhos e novos direcionamentos para ela. Nesses processos de pesquisa o desafio:

[...] estaria em especificar objetivos que incorporassem as habilidades necessárias à criação artística, evidenciando que uma boa forma é justamente aquela que inclua algum grau de imprecisão que permita o movimento ou deslocamento de conteúdo cada vez que o observador entre em contato com a obra (CARREIRA & CABRAL, 2006, p. 12).

Ainda podemos fazer referência ao fato de que muitos pesquisadores em artes cênicas são parte integrante do seu próprio universo de investigação, sendo um participante direto em processos que se orientam para a construção de obras artísticas ou como proponente de práticas pedagógicas nas artes cênicas, colocando-o em um duplo papel, de pesquisador e de participante do grupo, o que o faz vivenciar uma constante dialética entre o envolvimento e o distanciamento do seu objeto de estudo.

Além disso, a efemeridade, inerente às obras artísticas cênicas, dificulta seus estudos *a posteriori*, principalmente quando os espetáculos terminaram seu ciclo de apresentações e não estão mais em cartaz. Nesses casos, análises iconográficas, fotográficas e de vídeos, são importantes ferramentas para o direcionamento das pesquisas, porém, são fracos substitutos da efetivação presencial do pesquisador “ao vivo” frente à criação ou fruição do espetáculo cênico. As impressões que esse momento ocasiona no espectador são difíceis de ser estudadas, e o processo de troca, apenas pode ser “artificialmente” analisado por questionários e entrevistas com os autores da obra ou com pessoas que assistiram ao espetáculo.

Esses materiais aportam, sem dúvida, elementos importantes na reconstituição da trajetória da composição de uma obra cênica. Entretanto, é preciso ter ciência de que os elementos reconhecidos serão somente fragmentos de um processo criativo. A viagem da criação cênica é, na verdade, pontuada por escolhas onde os caminhos abandonados muitas vezes não deixam rastros materiais. Os vestígios completos só se perpetuam integralmente na memória dos corpos e da mente de seus participantes (ISAACSSON, 2006, p. 83).

Considerando muitas das variáveis descritas acima, escolhemos a pesquisa-ação como metodologia a ser aplicada em nossa pesquisa, que objetiva desenvolver práticas educativas na área de iluminação cênica, visando à qualificação não somente de iluminadores ou de possíveis iniciados, mas também de todos os profissionais e agentes envolvidos nas diversas construções espetaculares das artes cênicas, no seu ensino e em áreas afins.

Primeiramente, devemos elucidar que uma pesquisa-ação é redundantemente uma metodologia que procura aliar a pesquisa a uma ação. Objetiva a modificação de uma realidade específica, produzindo conhecimentos relativos a essas transformações (BARBIER, 2007).

No nosso caso, propomos uma ação pedagógica na área de iluminação cênica para a emancipação crítica dos envolvidos na prática educativa, numa tentativa de ampliar os universos de diálogos frente a esse elemento cênico. A pesquisa, portanto, destina-se à investigação desse processo, com intuito de produzir uma reflexão acerca do ensino de iluminação, e os desdobramentos que essa sistematização ocasionam nos sujeitos envolvidos para uma mudança de olhar crítico sobre o elemento luz nas artes cênicas. Para Franco (2005):

A pesquisa-ação crítica considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação. Nesse caso, a metodologia não se faz por meio das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo. Daí a ênfase no caráter formativo dessa modalidade de pesquisa, pois o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. É também por isso que tal metodologia assume o caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de se libertar de mitos e preconceitos que organizam suas defesas à mudança e reorganizam a sua autoconcepção de sujeitos históricos (p.186).

O proponente do estudo, nesse tipo de metodologia, deve assumir dois papéis, o de pesquisador e o de participante do grupo, que de certa forma quebra com o ideário positivista de distanciamento entre sujeito e objeto pesquisado. A postura como professor mediador do processo de construção de conhecimentos, coloca-nos como um integrante ativo no universo de investigação. Isso significa que inevitavelmente nos encontramos numa dialética que articula constantemente “a implicação e o distanciamento, a afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a mediação e o desafio, a autoformação e a heteroformação, a ciência e a arte” (BARBIER, 2007, p.18).

Na verdade, essas mudanças de perspectivas tornam todos os sujeitos do processo de ensino em colaboradores ativos dessa pesquisa, significando dizer que temos uma co-participação dos envolvidos nessa ação para o desenvolvimento da investigação, tornando claro, que essas mudanças devam ser percebidas e analisadas por todos os integrantes que objetivam a transformação da percepção e do comportamento do grupo frente à iluminação cênica.

Essa pesquisa-ação é, por assim dizer, crítica e dialógica, pois procura a emancipação dos sujeitos através da colaboração, ou seja, a reflexão dos sujeitos sobre processo de ensino, objetiva a conquista da autonomia, por isso é transformadora. Nesse sentido, estamos falando de uma ação dentro da ação, pois defendemos uma ação dialógica como procedimento mobilizador da ação pedagógica, que coloca os sujeitos num contínuo diálogo para a construção dos conhecimentos. Segundo Freire (1987), a co-laboração corresponde a uma característica de ação dialógica e não pode realizar-se a não ser pelo diálogo entre sujeitos, ainda que estes tenham níveis e funções distintos, portanto, de responsabilidade.

Na co-laboração, exigida pela teoria dialógica da ação, os sujeitos dialógicos se voltam sobre a realidade mediatizadora que, problematizada os desafia. A resposta aos desafios da realidade problematizada é já ação dos sujeitos dialógicos sobre ela, para transformá-la (FREIRE, 1987, p. 167).

Outra característica importante a destacar em uma pesquisa-ação é sua organização em “espiral cíclica” que permite readequações e alterações de rumo no processo. Franco (2005) expõe que a imprevisibilidade é um componente fundamental da prática de uma pesquisa-ação, considerá-la significa estar aberto à reconstrução do caminho para recolocação de prioridades, sempre no coletivo, por meio de acordos consensuais, amplamente negociados. Isso significa dizer que os resultados parciais da pesquisa podem resignificar os rumos da investigação, alterando o planejamento original, fazendo-nos encontrar e discutir novos caminhos a serem seguidos na tentativa de transformação da realidade. Franco (2005) ainda menciona que existem:

[...] várias maneiras de se considerar a “espiral cíclica”, vista como retomada em processo das ações, análises, reflexões, numa dinâmica sempre evolutiva. Kurt Lewin (1946) considerava que a pesquisa-ação é um processo de espiral que envolve três fases: 1. Planejamento, que envolve reconhecimento da situação; 2. Tomada de decisão; e 3. Encontro de fatos (factfinding) sobre os resultados da ação. Esse factfinding deve ser incorporado como fato novo na fase seguinte de retomada do planejamento e assim sucessivamente (p.187).

Procuramos desenvolver uma ação pedagógica no campo da iluminação cênica que busque compreender os mecanismos epistemológicos para a construção de seus conhecimentos específicos, objetivando à mudança de uma práxis, tanto para seu desenvolvimento estético, como para seu ensino. É condição importante para a transformação dessa práxis, que conhecimentos sobre iluminação, pelo menos os básicos, sejam estendidos para todas as pessoas envolvidas nos processos de criação espetacular, tornando-as mais capazes de compreender os aspectos da criação artística referentes à luz na cena, ampliando assim o campo de visão sobre o elemento “luz” e contribuindo decisivamente com a composição cênica e seu entendimento estético.

Somados a isso, podemos ainda mencionar a investigação de práticas educativas em iluminação cênica realizadas com alunos dos cursos de Licenciatura em Teatro ou Artes Cênicas da UFRN, que podem possibilitar, acreditamos, uma autonomia para a exploração

de conteúdos específicos sobre luz nos trabalhos pedagógicos, ratificando a iluminação cênica como conteúdo específico de teatro que pode e deve ser trabalhado nas escolas.

[...] faz-se necessário incorporar novos materiais bibliográficos, novos recursos tecnológicos e novas concepções de ensino de teatro, cuja organização possa contemplar as novas reflexões e sistematizações em áreas antes consideradas como instrumentos técnicos, mas que, cada vez mais, se afirmam como componentes indissociáveis no sistema de representação teatral e, portanto, necessários tanto aos que a elas se dedicam, quanto aos que delas se utilizam, como o dramaturgo, o diretor e o ator. A inclusão destas contribuições no cotidiano de nossas práticas de ensino de teatro ainda se encontra por fazer (ARAÚJO; 2005: 111).

Entendemos que a proposição metodológica da pesquisa-ação, sendo uma pesquisa sobre uma ação educativa dialógica em iluminação cênica, pode contribuir para uma transformação, uma mudança de atitude, uma modificação de um *status quo* recorrente do fazer cênico e de seu ensino que, na maioria das vezes, desconsidera a importância da multidisciplinaridade para o desenvolvimento das áreas, no que se refere à construção de novos espetáculos e/ou para a elaboração de práticas pedagógicas que ampliem as possibilidades de ensino e aprendizagem nas artes cênicas.

Sendo assim, como defendemos ao longo desse texto, podemos colocar duas posições para a reflexão no campo do ensino de iluminação cênica: a primeira onde todos os agentes cênicos reconhecem a importância da iluminação no espetáculo cênico e a segunda referente à importância do ensino de iluminação nas escolas pelos futuros professores formados em artes cênicas, ampliando o leque de possibilidades do ensino de teatro. Essas duas situações visam tanto uma alfabetização estética para uma formação de platéia crítica, como para ampliar as alternativas para o trabalho em teatro, quebrando com a idéia recorrente de que fazer teatro é apenas para ator, diretor ou dramaturgo.

Pesquisar a iluminação cênica, suas técnicas, as tecnologias empregadas, sua estética, os diálogos que têm com outros elementos cênicos e com outros conhecimentos universalmente sistematizados, sua práxis e principalmente as possibilidades de seu ensino em nosso país, são caminhos que devem ser trilhados na busca de uma maior qualificação profissional, bem como para o desenvolvimento epistemológico da área e para o entendimento das peculiaridades das construções dos conhecimentos específicos sobre iluminação e seu uso nas artes cênicas.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, José Sávio Oliveira de. *Teatro e Educação a Visão de Área a Partir de Práticas de Ensino*. Dissertação de Mestrado UFRN. Natal/RN, 1998.

ARAÚJO, José Sávio Oliveira de. *A Cena Ensina: Uma Proposta Pedagógica para Formação de Professores de Teatro*. Tese de Doutorado UFRN, Natal/RN, 2005.

BARBIER, René. *A Pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

CARREIRA, André Luiz Antunes Netto; CABRAL, Beatriz Ângela Viera. “O Teatro como Conhecimento”. In: *Anais ABRACE - Metodologias de Pesquisa em Artes Cênicas*. CABRAL, Biange; CARREIRA, André; FARIAS, Sérgio Coelho; RAMOS, Luiz Fernando (Orgs.). Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2006.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia da pesquisa-ação*. 2005. www.scielo.br, acessado em 23/03/2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários a Prática Educativa*. São Paulo/SP: Editora Paz e Terra, 1996.

ISAACSON, Marta. “O Desafio de Pesquisar o Processo Criador do Ator”. In: *Anais ABRACE - Metodologias de Pesquisa em Artes Cênicas*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, Rio de Janeiro, 2006.

THIOLLENT, Michel. *Pesquisa-ação Cooperativo na Perspectiva de Henri Desroche*. São Carlos: Edufscar, 2006.

ZAMBONI, Silvio. *A Pesquisa em Arte: Um Paralelo Entre Arte e Ciência*. 3ª Ed. Revisada. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 2006.